

Ao Professor Lúcio, estas palavras breves Carolina Leite*

A memória presente

Tive o gosto de conhecer o Professor Lúcio Craveiro da Silva na sua qualidade de Presidente do Conselho Cultural, entre 2002 e 2006. Sobre esta figura fundadora da Universidade – talvez a que mais longamente a acompanhou na sua história e no seu desenvolvimento – pouco conhecia, além do nome e presença distante, até ao momento em que passei a integrar o Conselho Cultural.

E ao longo dos quatro anos que se seguiram fui aprendendo a conhecer o Professor Lúcio, não só nas facetas que mais directamente se revelavam no exercício do seu papel institucional mas, sobretudo, noutros aspectos, mais reservados e, por isso mesmo, mais esclarecedores da rica e complexa personalidade que o habitava.

* Antiga directora do Museu Nogueira da Silva. Professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

O professor, o jesuíta, o co-fundador da Universidade do Minho e Reitor, que também foi da Universidade Católica, o académico de prestígio são, apenas, *alguns* dos múltiplos personagens que o acompanharam ao longo de uma vida, rara pela longevidade mas ainda mais rara pela qualidade múltipla dos empenhos e desempenhos que manteve, alguns até partir. Muitos dos amigos que melhor conheceram o Professor Lúcio, dar-nos-ão, com certeza, a oportunidade de conhecer ou de recordar, algumas destas suas facetas. Mas não podendo participar na reconstituição desse retrato abrangente, evocarei apenas alguns dos traços que mais me surpreenderam no professor Lúcio, enquanto responsável do Conselho Cultural.

Duas linhas para um retrato

O tom confiante da sua inteligência marcava a primeira impressão de contacto. E logo depois a delicadeza, a disponibilidade e uma natural elegância; a serenidade de uma abertura de espírito, liberta de qualquer necessidade de demonstração ou de afirmação de autoridade. Aprendi a ver neste atento interlocutor de ideias claras – capaz de sugestões pragmáticas e também de subtis alianças entre universos aparentemente inconciliáveis – alguém empenhado em promover, entre todos os que em nome de uma instituição partilhavam objectivos comuns, uma atmosfera de civilidade, alheia à linguagem do combate e da conquista mas receptiva ao debate de ideias e projectos. O Professor Lúcio sabia instalar este clima e fazia-o, num estilo próprio, num tom que apetece dizer, era o justo. Ora o tom *não é* uma arte menor, e o que parece uma diferença de pormenor, resulta, na verdade, numa diferença de substância e de qualidade, difícil de definir mas que, cada um, a seu modo, é capaz de reconhecer e de identificar, nem sempre de praticar. Talvez esteja aqui a herança longínqua de uma linhagem que, tendo conhecido a proximidade dos príncipes, das suas exigências e humores, se foi tornando particularmente hábil na arte da negociação e do compromisso. Mas parece claro que, a esta herança, se associou a qualidade de um espírito habitado e acompanhado, mais disponível para o espanto do que para a crítica, mais próximo da intensidade da procura do que do ruído de todas as certezas gregárias. Como quando assim escrevia:

"Amo a solidão
com duas estrelas
um sorriso
e o céu por tecto da habitação!
Fora com festas, bagatelas
E ruídos!
Fora com curiosos intrometidos!
Contemplo o bem-me-quer das flores
oiço o diálogo das brisas
sinto-me feliz sem arredores
só com o silêncio amigo
e o bater do coração!
Duas estrelas e um sorriso
e para tudo o mais... a solidão."

in *Pegadas no Caminho*, p. 35, Braga, 1976.

O Professor Lúcio e o Conselho Cultural

A presença do Professor Lúcio no Conselho Cultural parecia uma evidência, tal era a sua convicção quanto ao papel deste órgão na definição do que é ou pode ser uma universidade. Sobre esta prestigante "excentricidade" da Universidade do Minho – à qual vale a pena desejar uma muito longa vida – o Professor Lúcio gostava de revelar, em jeito de confidência, como tinha sido útil um olhar de estrangeiros para suscitar, junto de alguns responsáveis da universidade, o respeito pela existência deste conselho. A par da revista *Forum*, que sempre acarinhou e que o Dr. Henrique Barreto Nunes sempre foi, por paixão, realizando, o Professor Lúcio mantinha uma total abertura aos diferentes projectos que as Unidades Culturais iam anunciando. Também o vi sempre empenhado em promover as mais variadas formas de criação de saber, não necessariamente circunscrito às razões imediatas de ensino e de investigação, mas que constituía, do seu ponto de vista, o "cultural" no mais vasto sentido. É possível que se trate de uma visão orientada no sentido inverso

ao dominante – face ao populismo do *fast-cultural*, por um lado, à severidade da especialização, a todo o custo, por outro, e ainda à redução do tempo de formação, suavizada pela ideia da existência de um *acordo*, de Bolonha! E são muitos os estudantes que vivem hoje a confusão desta circunstância paradoxal. Podemos sempre esperar que, à medida que as disfunções provocadas por estas escolhas, diferentemente mutilantes da riqueza individual, forem revelando o seu elevado preço, individual e logo depois social, estamos sempre a tempo de recuperar a actualidade desse *cultural* que o Professor Lúcio, tão serena e convictamente, defendia.

O Professor Lúcio no Museu – a beleza fala a quem ouve

A permanência no museu revelou que o Professor Lúcio vivia, no quotidiano, a descoberta dessa ideia múltipla do *cultural*, mesmo nas linguagens que não constituíam, directamente, um seu reconhecido território de interesse. Assisti, não sem surpresa, a uma adesão contínua e entusiástica às várias iniciativas que foram acontecendo no Museu Nogueira da Silva e que se traduzia, antes de mais, pela constância da sua presença nos momentos mais marcantes da vida do museu. Curiosidade, disponibilidade e abertura ao encantamento e, nesta vitalidade de espírito, prova de inquestionável juventude em vésperas de completar noventa anos, o Professor Lúcio revelou ser sensível, mesmo aos mais pequenos pormenores. Foi assim por ocasião da exposição *Convergências*, feliz que estava pelo significado daquela presença no museu (tratava-se de um conjunto de obras provenientes da colecção de arte da Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento) o Professor Lúcio confessou-me, a certa altura, a sua surpresa ao descobrir a transformação da sala onde teve lugar o jantar oferecido aos convidados. O habitual ar grave daquele espaço do museu, onde o visitante se confronta com a presença dos proprietários fixada nos retratos de Henrique Medina, parecia agora uma casa em dia de festa – as camélias do jardim, as longas toalhas brancas bordadas, os candelabros saídos do sono das reservas como o serviço de Meissen e os copos de tantas festas passadas. O Professor Lúcio, não só mostrou ser sensível

à atmosfera daquele lugar, transfigurado para a ocasião, como não hesitou em dizê-lo, num gesto de atenção e grande generosidade para com todos os que se tinham empenhado naquela "criação" de acolhimento. E foi na mesma atitude que voltamos a receber o Professor Lúcio, quando se assinalaram os trinta anos da doação do Senhor António Nogueira da Silva à Universidade, ao visitar a exposição das "Peças escolhidas" da colecção: o museu tinha ganho novas cores, novos suportes de exposição das peças, uma nova circulação do espaço no rés-do-chão. E o Professor Lúcio mostrou-se encantado com as novidades, que olhou demoradamente, e disse-o. Vi-o igualmente feliz com a chegada do piano ao museu, graças a uma nova doação, anónima desta vez. E especialmente surpreendido pelo facto do doador – presente na noite do concerto inaugural, mas sempre anónimo! – ter expressamente adquirido o instrumento com a intenção de o oferecer ao museu.



O Professor Lúcio e a pianista Joana Gama, no concerto promovido para assinalar a doação de um piano ao museu, 20 de Maio 2006. (Foto de Helena Trindade)

Para a equipa excepcional que se ocupa do museu, e à qual tive o privilégio de pertencer durante quatro breves anos, esta implicação atenta do Professor Lúcio, tinha o sabor de uma confirmação do trabalho realizado. De outro modo, de que serviria esse comum exercício de chamar a beleza a um lugar se aí não chegasse, também, o tão desejado olhar receptivo?

Recordo ainda a sua confiança no dia de abertura da exposição de Valerio Adami. Sem temer eventuais juízos, falou da sua distância face à linguagem do artista, pois como por vezes dizia, "gostava era dos Gregos" e, no entanto, não dispensou os argumentos de outras opiniões, mostrando-se receptivo e aberto ao novo que ali podia estar, numa atitude de inteligente e serena humildade, capaz de surpreender todos os que o acompanhavam, e entre os quais estava o próprio Valerio Adami.



Professor Lúcio, Professor Acilio e Valerio Adami, Professor Lúcio e Carolina Leite, 24 de Novembro 2005. (Fotos de Dario Oliveira)

Estes episódios, entre tantos, ajudaram-me a compreender e admirar a figura deste Professor, particular, que dizia ter atravessado o tempo de uma vida sem um claro projecto pessoal, preferindo ser eco de um projecto maior, que o Professor Lúcio identificava como sendo a resposta ao chamamento de Deus.

Hoje, na presença da sua memória, parece claro que a ausência do Professor Lúcio empobrece a diversidade dos modelos humanos que nos envolve. Como se suspeita, e ao que tudo indica com fortes indícios, o *exemplo* tem uma poderosa capacidade de irradiação. Se é medíocre assim inspira mas se a qualidade, o respeito, a exigência e o gosto pela inteligência generosa nos envolvem em suave vizinhança, é por certo desta matéria menos densa que é feita uma atmosfera fecunda. E o Professor Lúcio sabia, muito naturalmente, como criá-la.

Numa ordem institucional demasiado exposta às pressões e dificuldades do momento, parece mais importante do que nunca tomar como exemplo o que melhor sobrevive ao tempo e suas circunstâncias.

E assim, nada pode impedir-nos de contemplar o amplo azul deste céu que nos abriga, e de onde o Professor Lúcio nos olha, sempre no tom da sua serena e confiante inteligência.



Jardim, Museu Nogueira da Silva. (Foto de Alexandre Cristóvam)